



A CONSTRUÇÃO DE SABERES/FAZERES NA PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM DOIS MUNICÍPIOS DO CEARÁ E DO PARÁ

Mara Fabiane Reis Gomes¹
Francisco Jucelio dos Santos²
Ana Patricia de Oliveira Martins³
Cristina Maria Pescador⁴

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta experiências vivenciadas pelas escolas públicas municipais de Augusto Corrêa-PA e de Brejo Santo-CE, durante a pandemia da covid-19. Destacamos aspectos relevantes relacionados às práticas pedagógicas desenvolvidas pelas(os) professoras(es) e a necessidade de adaptação a uma realidade inusitada ocasionada pelo fechamento das escolas como medida preventiva para evitar o contágio pelo vírus letal, assim como sua disseminação.

No relato das experiências temos como objetivo ressaltar pontos comuns presentes nos planos de contingência enviados às escolas municipais. Discorreremos de forma reflexiva sobre o trabalho docente no contexto pandêmico tendo como enfoque os processos organizacionais do trabalho pedagógico nas redes públicas municipais e as estratégias de superação utilizadas, sobretudo no que se refere a apropriação e uso emergencial dos recursos tecnológicos como meio de chegar aos alunos. Os pontos divergentes não são contemplados nessa escrita porque não foram identificados nessa análise.

Este texto é um estudo qualitativo, onde os relatos de experiência, estão aportados nos conteúdos teóricos e empíricos, tendo como problemática a indagação: como a experiência da pandemia mobilizou, modificou e reorganizou o trabalho docente? Dentro desse questionamento, analisamos o uso das Tecnologias da Educação, como forma de engajamento das(os) estudantes, em um momento em que a cultura digital se faz tão presente no cotidiano das pessoas.

¹ Pedagoga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, mfrgomes@ucs.br

² Graduado e especialista em Matemática pela Universidade Regional do Cariri, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, fjsantos@ucs.br

³ Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, apomartins@ucs.br

⁴ Professora orientadora: Doutora em Informática na Educação (PGIE/UFRGS), docente do Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso de Mestrado e Doutorado da Universidade de Caxias do Sul, cmpescad@ucs.br



Como referencial teórico foram utilizados textos de Lévy (1999), Santos (2020), Cunha (2018), Tardif (2019) e Nóvoa (2000) que trazem elementos fundamentais para discutir a temática em questão.

A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

A sociedade contemporânea está imersa num processo acelerado de mudanças, seja no que se refere a construção e sistematização de conhecimentos, seja na forma de viver das pessoas, nas formas de trabalho e produção, ou nos vários aspectos da vida humana. A revolução tecnológica e digital tem interferido até no modo de relação das pessoas, trazendo à tona a necessidade de apropriação e uso de novos recursos, novos conceitos, novas linguagens.

O advento da cultura digital ou cibercultura, definida por Lévy (1999, p.17) como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, faz surgir novas relações sociais e culturais, como também abre várias possibilidades para a aprendizagem, considerando modos diferentes de agir e interagir dos sujeitos.

Há tempos a escola vem dando sinais da necessidade de mudança, de ajustes à contemporaneidade, aos sujeitos sociais e históricos da atualidade, imersos nessa cultura digital. A pandemia, uma catástrofe inesperada e de consequências tão avassaladoras, veio mostrar de uma maneira muito contundente a fragilidade em nosso sistema de ensino, assim como escancarar as desigualdades sociais, econômicas e sobretudo de acesso aos recursos digitais, tecnológicos e de conectividade. Em um cenário em que a virtualização é a palavra do momento, a imersão na cultura digital mostrou-se, durante a pandemia, um fator de desigualdade, considerando o grande número de estudantes que ficaram à margem das aulas virtuais ou que tiveram acesso de forma excessivamente precária. O cenário pandêmico explicitou problemas como, a falta de conectividade nas escolas e para as(os) estudantes, a falta de equipamentos adequados e necessários a um ensino mais condizente com a sociedade tecnológica e a fragilidade das(os) profissionais em apropriar-se desses recursos e utilizá-los como ferramenta de ensino e aprendizagem.

Embora há tempos já houvesse a necessidade e até o incentivo por parte das redes de ensino para que os professores fizessem uso de aplicativos, *softwares* e plataformas que contribuíssem para um maior envolvimento das(os) estudantes em favor do processo de ensino e aprendizagem nesse mundo tecnológico, sua utilização ainda representava iniciativas muito tímidas, seja pela falta desses recursos nas escolas, pela falta de preparo

das(os) docentes ou até mesmo pela dificuldade em aceitar que o processo educativo deve evoluir com a humanidade, exigindo das(os) profissionais da área uma predisposição para viver em constante formação e atualização de sua prática. Em contrapartida, a pandemia trouxe, mesmo que forçosamente, algumas possibilidades. Santos (2020, p. 29) afirma que “a pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum”.

Em um cenário de perigo, medos e incertezas, o fechamento repentino das escolas trouxe as(aos) docentes angustias, inquietações e sensação de impotência. Quanto tempo duraria esse fechamento era um questionamento levantado por uma população que nunca havia enfrentado uma pandemia e que acompanhava atônita os noticiários que traziam as consequências trágicas causadas pela contaminação do vírus. Mesmo sem uma noção exata do que viria pela frente, as Secretarias Municipais de Educação, com base nos decretos expedidos pelos órgãos competentes, iniciaram um processo de planejamento e de criação de um plano de contingência, visando mitigar os efeitos do isolamento para crianças e adolescentes, além de garantir, mesmo que de forma tímida, a continuidade do processo de ensino e aprendizagem. Os planos de contingência elaborados pelas Secretarias, que passaram a servir como referência para que cada unidade escolar elaborasse seu plano de ação, contemplava ações como criação de grupos de *WhatsApp* e criação de turmas pelo *Google Classroom*, assim como uso de plataformas gratuitas e de aplicativos que pudessem contribuir nesse momento emergencial.

A urgente necessidade de adesão ao ensino remoto como única forma de chegar aos alunos mostrou o despreparo de um grande número de profissionais em operar com esses recursos, trazendo como consequência grandes transtornos entre essas(es) profissionais que se viram obrigadas(os) a mergulhar, em tempo recorde em um novo jeito de ensinar. Nesse cenário de obscuridade, as(os) professoras(es) precisaram reinventar sua prática, aprender a gravar vídeo aulas, acessar plataformas de ensino, apropriar-se de aplicativos diversos para que suas aulas tivessem o mínimo de qualidade exigida para o momento.

Adequar-se a essa nova realidade foi um desafio até então inimaginável e, mais surpreendente ainda foi a capacidade de superação mostrada pelas(os) professoras(es). Novos modelos de ensino incorporaram-se ao seu cotidiano, práticas que pareciam muito distantes antes da pandemia tornaram-se realidade em todos os níveis de ensino. As formações continuadas ganharam outra dinâmica e as equipes e instituições que trabalhavam com formação docente tiveram que rever seus planos formativos, incluindo capacitações técnicas,



visando preparar as(os) docentes para aquela realidade emergencial: a busca de estratégias para chegar à(ao) estudante da forma mais eficaz possível.

A solidariedade e a troca de experiência entre professoras(es) também representou um fator relevante de crescimento coletivo e de adesão a um novo modelo de ensino. Nessa perspectiva, Cunha (2018, p. 9) afirma que “é fundamental reconhecer que a professoralidade docente se institui em um contexto; trata-se de uma prática que se dá num lugar e numa dimensão temporal”. E o tempo era de reinvenção da prática, era de romper as velhas tintas e lançar-se em uma realidade pouco familiar para uns e desconhecida para tantos outros. As vídeo aulas foram ganhando espaço, a princípio caracterizada pela simplicidade de detalhes e de recursos. Com o passar das semanas e dos meses, em virtude das formações oferecidas pelas equipes formadoras das Secretarias, a troca de experiência entre colegas docentes e até as dicas dadas pelas(os) próprias(os) discentes, mais familiarizadas(os) com esse mundo digital e tecnológico, contribuiu para que as aulas evoluíssem para um nível mais atrativo e compreensível.

TRABALHO DOCENTE E CULTURA DIGITAL: NOVOS SABERES/FAZERES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Em um tempo de reinvenção, a criação de meios para estimular os estudantes, constitui um verdadeiro desafio para as(os) professoras(es) como mediadoras(es) do processo. A tarefa de engajar estudantes torna-se um desafio ainda maior quando permeado pelo uso das tecnologias, reforçando assim entre esse profissionais o medo do novo e um grande desconforto e adoecimento causado pelo excesso de trabalhos nesse novo formato de ensino. A necessidade de adaptação veio de uma forma muito brusca, sem abrir espaço para reflexão.

A diversificação das formas de trabalho docente emergentes na pandemia, tais como a formação virtual, o ensino remoto, as *lives*, dentre outros, chegou a sufocar as(os) professoras(es), ocasionando ansiedade, falta de concentração, medo de contrair a doença, enfrentamento da doença na família, insegurança de voltar ao presencial e as lamentações pelas perdas de profissionais que foram a óbito, reverberaram no corpo docente emoções negativas. Nesse contexto, foi e continua sendo primordial estruturar o planejamento de modo que todas(os) possam sentir-se inseridas(os) com ações de humanização e acolhimento, visando a motivação para continuar seu trabalho.

Este cenário traz novos desafios a escola, dentre eles, garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem aliado ao cuidado com o sócio emocional de professoras(es) e estudantes. As(os) discentes afastadas(os) do ensino presencial por mais de

um ano, atendidas(os) através de telas, ao retornarem ao presencial não são as(os) mesmas(os), assim como as(os) profissionais já não são mais as(os) mesmas(os). Essa compreensão constitui uma premissa para se pensar na escola pós pandemia e na identidade docente enquanto sujeito que media o processo de ensino e aprendizagem em uma realidade completamente aversa a que existia até então. Nóvoa (2000, p. 16) afirma que [...] “a identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão” [...] indubitavelmente as(os) professoras(es) têm o dever de manter viva a sua identidade política e lutar pelos seus direitos, tendo em vista, que são responsáveis pela educação e formação humana e pela construção de conhecimentos através do ensino e aprendizagem.

Observa-se, no entanto, a inclinação de muitas(os) docentes ao pragmatismo e ao praticismo como fundantes do trabalho pedagógico, e isso tem fragilizado o processo educativo. Já Tardif (2019, p. 138) afirma que “esses comportamentos são estabelecidos ao mesmo tempo pela instituição escolar que lhes atribui limites variáveis de acordo com a época e o contexto, [...] como sinais reguladores da ação realizada no momento”, estruturando-a em bases conteudistas. O conteúdo pelo conteúdo a tempos deixou de fazer sentido.

No contexto pandêmico as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) assumiram um papel importante nas ações pedagógicas de todas as escolas no território nacional, o que não seria diferente nas redes municipais de ensino. Esse aprendizado trazido nesse período tão difícil da história não pode ser esquecido, pelo contrário, deve ser cada vez mais aproveitado para alavancar o processo de ensino e aprendizagem, tornando o espaço escolar um local de sistematização das experiências trazidas pelas(os) estudantes em suas vivências fora da escola.

Ao analisar as realidades dos dois municípios de Augusto Corrêa-PA e de Brejo Santo-CE, foi possível perceber pontos convergentes como: a urgente necessidade de sair do ensino presencial para a virtual; a reinvenção da prática pedagógica; a limitação no conhecimento tecnológico por parte das(os) professoras(es) e das(os) estudantes; a falta de recursos tecnológicos apropriados para professoras(es) e estudantes; a sobrecarga de trabalho para as(os) docentes; a fragilidade de conexão à internet para um grande número de professoras(es) e estudantes; a falta de devolutiva de atividades por parte de algumas(uns) estudantes; a dificuldade em criar meios para estimular as(os) estudantes; a fragilidade no estabelecimento de vínculos entre professoras(es) e estudantes, sobretudo com as(os) novatas(os), com as(os) quais ainda não se havia mantido contato presencial antes da pandemia; o adoecimento de professoras(es) em virtude da necessidade de adequar-se em tempo recorde a uma nova forma de



ensino e do medo de contágio entre familiares; o medo é a insegurança com o retorno ao trabalho presencial; a tristeza ocasionada pela perda de familiares e colegas de trabalho; o engajamento e fortalecimento de formações voltadas para a utilização de plataformas.

Dessa forma, é imprescindível compreender que o ensino-aprendizado nesse contexto de crise pandêmica precisa ser planejado com bases sólidas e na persistência dialética entre professoras(es), familiares e estudantes, de modo que a tríade docente-conhecimento-estudante seja significativa. Nesse aspecto, percebe-se que a Cultural Digital pode ser meio para nos ajudar a pensar esses novos saberes/fazeres na cotidianidade da prática pedagógica e das escolas públicas básicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os relatos de experiência dos municípios e as bibliografias que discorrem sobre o assunto, é possível perceber que as dificuldades assim como os direcionamentos foram comuns e não foram detectadas divergências de ações e práticas educacionais. A dificuldade de adaptação ao ensino remoto, para as(os) professoras(es), parte da fragilidade no uso dos recursos tecnológicos atuais e da falta de acesso aos mesmos. O acesso à internet e a aparelhos eletrônicos como computadores e celulares são desiguais entre estudantes e entre professoras(es), representando um fator de desigualdade social e de exclusão. Urge, portanto a necessidade de políticas públicas que garantam uma formação continuada e significativa mais consistente a nível de país, como também políticas que garantam o acesso à internet e a recursos tecnológicos necessários a uma prática pedagógica condizente com a nossa geração imersa na cultura digital.

REFERÊNCIAS

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

CUNHA, Maria Izabel da. **Docência na Educação Superior: a professoralidade em construção**. Porto Alegre: online, 2018.

NÓVOA, Antônio (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Editora Almeida, 2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.

Palavras-chave: Pandemia; Práticas Educacionais; Pará; Ceará.